

## COMPORTAMENTO COMUNICATIVO DE ACADÊMICOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA AO FALAR EM PÚBLICO: UMA ANÁLISE AUTOAVALIATIVA

PIN, Karine De Mello <sup>1</sup>  
GIRARDI, Layane Abreu <sup>2</sup>  
HERBER, Vandriele <sup>3</sup>

### RESUMO

**Introdução:** Situações de exposição pública são consideradas estressantes e desafiadoras, especialmente quando se trata de comunicação. O comunicador precisa transmitir credibilidade ao público por meio de sua voz e fala. Além disso, quando não são bem administradas, as situações de fala em público podem ter impactos negativos no desenvolvimento acadêmico. **Objetivo:** Analisar a autoavaliação de estudantes de cursos de Licenciatura em relação ao seu desempenho na comunicação oral durante situações de exposição pública. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de campo descritivo de abordagem qualitativa e quantitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário adaptado pelas autoras, aplicado aos alunos de graduação em Licenciatura do último ano de um Centro Universitário em Cascavel, PR. **Resultados:** Participaram 46 estudantes formandos dos cursos de Licenciatura. Do total de participantes, 45,7% (n=21) eram do sexo masculino e 54,3% (n=25) eram do sexo feminino, com idades variando entre 20 e 25 anos, e desses, 38 (82,6%) relataram ter experiência em falar em público. Em relação à manifestação de ansiedade, metade dos estudantes mencionaram usar muitos gestos durante a comunicação, 39,1% (n=18) consideraram que sua voz varia de acordo com a situação e 28,3% (n=13) relataram ter a voz trêmula. Quanto à dicção, 45,7% (n=21) afirmaram começar a falar mais rápido, 30,4% (n=14) manifestaram gagueira e 13% (n=6) identificaram ter uma articulação travada. **Conclusão:** A pesquisa mostrou que os participantes enfrentaram dificuldades na comunicação ao falar em público, alterando seu comportamento por meio da manifestação de expressões corporais e alteração na voz e dicção. Os entrevistados reconhecem a importância da fonoaudiologia para melhorar suas habilidades vocais e de comunicação oral. Nota-se a necessidade de incluir instruções específicas desde a graduação para desenvolver essas habilidades com profissionais que atuam com a oratória e expressão oral, nos quais o fonoaudiólogo se inclui.

**Palavras-chaves:** Barreiras da Comunicação. Falar em público. Voz.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Fonoaudiologia - Centro Universitário FAG – e-mail: kmpin@minha.fag.edu.br

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Fonoaudiologia - Centro Universitário FAG – e-mail: lagirardi1@minha.fag.edu.br

<sup>3</sup> Docente Orientadora do Curso de Fonoaudiologia - Centro Universitário FAG – e-mail: vandrieleherber@fag.edu.br

## INTRODUÇÃO

---

A voz, fala, gestos e expressões faciais desempenham um papel fundamental na comunicação humana, permitindo a troca de informações, expressão de sentimentos e compartilhamento de conhecimentos. Esses aspectos são essenciais no dia a dia de todas as pessoas, pois possibilitam a interação e a transmissão de experiências entre os indivíduos (TADDEI, 2011).

As habilidades comunicativas são importantes ferramentas de trabalho para que ocorra uma interação entre a sociedade. Para uma comunicação eficaz o indivíduo precisa apresentar uma boa entonação vocal, projeção eficiente e sem esforço, pausas e respirações controladas, articulação e utilização de gestos precisos, facilidade de interagir com o público, prendendo assim a atenção do ouvinte durante o processo comunicativo (VIEIRA e BEHLAU, 2009). Segundo Marinho *et al.*, (2020), a sociedade contemporânea vive uma realidade que exige buscar cada vez mais estratégias que viabilizem o progresso pessoal e profissional, sendo assim, a comunicação exerce relevante papel nesse processo. Atualmente têm se observado muitos profissionais com inúmeras dificuldades ao expressar-se em público, quando se trata de assuntos relacionados a discussões à frente de grupos com diversas pessoas, expor suas opiniões e pontos de vista, entre outras. Com isso, para os acadêmicos, todas as práticas desenvolvidas e vivenciadas na graduação são de suma importância para sua futura rotina profissional (SOUZA, FERNANDES e FERREIRA 2013).

O ato de falar em público tem sido um grande desafio para muitos profissionais, e tais enfrentamentos se dão devido inúmeros fatores que podem ocorrer durante a explanação sobre qualquer assunto, tais como, nervosismo, insegurança, timidez, dentre outras características. Vivemos numa sociedade na qual possuir uma adequada comunicação, independente do ramo profissional, é de suma relevância para o objetivo a que se destina; em especial, o ensino e aprendizagem (JÚNIOR, 2020).

No processo de linguagem há inúmeros setores que se utilizam de modo constante à oralidade, entre eles destacam-se professores, advogados, locutores, políticos, atores e acadêmicos. Silva, Alves e Lima (2019) destacam que a glossofobia (medo de falar em público) é um dos grandes terrores entre jovens de todo o mundo que deparam-se com a atividade de falar em público, podendo atrapalhar de maneira significativa tanto na comunicação como na atividade social da pessoa. Entre os principais medos de “falhar” ao comunicar-se ou manifestar-se em público está no julgamento dos ouvintes, na não aceitação e vergonha por não conseguir atingir o objetivo e a expectativa gerada pelo público. Não é à

toa, que muitos acadêmicos procuram ajuda durante este período para aprender a lidar com a fobia de falar em público, procurando profissionais que possam auxiliá-los neste processo, como é o caso de profissionais da fonoaudiologia, que irão contribuir no aperfeiçoamento da articulação da fala para que os pacientes desenvolvam de maneira correta o ato da fala, assim como o auxílio de profissionais de psicologia para que possam auxiliar o paciente na melhora no desenvolvimento da fala, haja visto que a mentalidade é um fator importante durante este processo (SILVA, ALVES e LIMA 2019).

No cenário acadêmico há a preocupação da oratória, haja visto que na maioria das instituições de ensino são realizadas atividades que exigem apresentação e a prática da oralidade em sala, como complemento disciplinar e avaliativo em um ambiente, o que pode constranger acadêmicos levando-os inclusive a não participar das atividades por sua insegurança ao falar ou expressar-se diante dos professores e seus colegas. D'El Rey e Pacini (2005) relatam que o medo de falar em público é uma questão ainda pouco estudada no Brasil, o impacto no funcionamento dessas pessoas acometidas podem gerar um diagnóstico de fobia social.

Atualmente, o quadro de pessoas que desenvolvem fobia durante o ato de fala destinado ao público tem crescido, agravados e/ou mascarados pelos recursos tecnológicos disponíveis, uma vez que muitas pessoas preferem se comunicar mais em redes sociais e aplicativos, em substituição ao ato de falar pessoalmente. Esta falta da comunicação presencial entre os indivíduos que compõe a sociedade pode ser negativa do ponto de vista social, haja visto que a comunicação torna-se consideravelmente “crua”, pois muitas vezes a comunicação via meio digital ocorre de maneira informal, utilizando recursos que em situações formais não enquadram-se no contexto, como é o caso de uso de gírias, falas descontextualizadas, redução escrita de palavras entre outros aspectos, que fazem com que a comunicação entre os indivíduos não ocorra como desejada, despertando a fobia no indivíduo de não conseguir transmitir ao público seu ensejo (KUBOTA, *et al.*, 2016).

Dragone *et al.*, (2010) apontam que outro aspecto importante a destacar-se é a exigência do mercado de trabalho atual, o qual exige cada vez mais profissionais treinados e capacitados para trabalhar-se com o público, apresentando boa desenvoltura no seu processo de comunicação oral, como é o caso de estudantes de cursos de licenciatura, haja visto que estes profissionais irão trabalhar frente a um determinado público e irão ministrar grande parte de seu trabalho através da comunicação oral.

De acordo com Moreira (2022) os profissionais enquanto docentes devem ministrar sua função de maneira correta, de maneira a incentivar os alunos no processo de ensino e

aprendizagem dentro do contexto em que estão inseridos. Portanto, é necessário que saibam desenvolver seu papel e suas habilidades dentro da sala de aula, haja visto que o professor é visto como um “espelho” aos alunos. A boa oratória desenvolvida pelo professor é capaz de transmitir uma série de conhecimentos e aprendizados aos alunos, visto que boa parte deles adquirem seu conhecimento através da escuta, por isso a necessidade de que ocorra uma boa comunicação entre ambas as partes, e que o professor demonstre autonomia no seu ato de fala desenvolvendo a oratória, expressando-se adequadamente, dominando o conteúdo e muito mais.

O fonoaudiólogo tem como principal objeto de estudo e intervenção a comunicação humana, e por meio dessa atuação é possível auxiliar diversas pessoas. Na área da preparação vocal, há possibilidades de melhorar sua dicção, aperfeiçoar a entonação e a pronúncia correta das palavras, fatores estes que levam inúmeros pessoas a desenvolverem a oratória e reduzirem a vergonha de comunicar-se e expressar-se diante de um público, pelo receio de falar errado ou não saber pronunciar determinadas palavras corretamente (SANTOS e FERREIRA, 2019). Conforme mencionado em Terra (2018), a fonoaudiologia possui uma área de especialização voltada para a comunicação oral, escrita e linguagem. Esse processo de desenvolvimento tem início na infância e continua ao longo da vida de cada indivíduo. A função desse estudo é analisar problemas relacionados à comunicação, com ênfase nas habilidades de expressão e compreensão. É importante ressaltar que se tais problemas não forem abordados de forma precoce e adequada, podem ter um impacto significativo na integração social e profissional do indivíduo.

Diante do exposto, a pesquisa teve como objetivo principal identificar as dificuldades e limitações referidas pelos universitários em relação à comunicação oral, a fim de direcionar de forma adequada as ações de fonoaudiólogos na área de comunicação e oratória durante a graduação dos cursos de licenciatura. A finalidade é promover uma melhora no desempenho comunicativo dos estudantes, permitindo que eles controlem suas reações comportamentais e enfrentem situações de forma mais eficaz. Essa abordagem precoce durante a formação profissional pode contribuir para o aperfeiçoamento da fala em público e para uma performance comunicativa satisfatória.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

---

Trata-se de uma pesquisa de campo, transversal, descritiva, com abordagem quantitativa. A amostra consistiu em acadêmicos formandos dos cursos de graduação em

Ciências Biológicas, Educação Física, Letras Português/Inglês e Pedagogia, oferecidos pelo Centro Universitário Assis Gurgacz, localizado em Cascavel, PR. Os participantes eram regularmente matriculados no último ano da graduação e tinham idade mínima de 18 anos. As pesquisadoras abordaram os participantes em sala de aula, explicando os objetivos da pesquisa e convidando-os a colaborar com o estudo.

Após a obtenção do consentimento informado dos participantes, estes responderam individualmente e simultaneamente a um questionário adaptado pelas pesquisadoras. O questionário incluía o Questionário de Autoavaliação das Habilidades de Voz e Fala em diversos contextos comunicativos (QCC) e a Escala de Autoavaliação ao Falar em Público (SSPS). Os questionários continham perguntas descritivas sobre dados de identificação e objetivas relacionadas a experiências, frequência, desconfortos, ansiedade e autopercepção de alterações relacionadas à voz e à fala em situações de exposição ao público.

Em seguida à aplicação dos questionários, as pesquisadoras conduziram uma palestra teórica e prática sobre Comunicação Oral, com duração aproximada de uma hora e meia. Para embasar a parte prática, foram utilizadas diversas fontes bibliográficas e plataformas online que abordavam conhecimentos fonoaudiológicos relacionados diretamente à atuação prática na comunicação oral. A apresentação incluiu um breve embasamento teórico sobre cada tópico abordado, bem como orientações e sugestões de exercícios voltados para a prevenção da saúde vocal ou melhoria da qualidade de vida de forma geral.

Os capítulos de Introdução, Resultados e Discussões foram embasados em livros, artigos e documentos oficiais disponíveis eletronicamente, abordando aspectos da Comunicação Oral na perspectiva da Fonoaudiologia. Foi destacada a importância da atuação do Fonoaudiólogo no aprimoramento das habilidades comunicativas, visando proporcionar autoconfiança no uso dos elementos expressivos para a prática da oratória.

Na análise dos dados, as questões objetivas foram submetidas a uma análise estatística descritiva, utilizando distribuição percentual dos dados. Para as respostas descritivas, foi realizada a leitura individual de cada participante, seguida pela categorização das respostas de acordo com temas convergentes.

O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz conforme número do CAAE : 65775422.0.0000.5219.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desta pesquisa 46 estudantes do último ano dos cursos de Ciências Biológicas, Educação Física, Letras Português/Inglês e Pedagogia, distribuídos nos períodos noturnos e diurnos. Do total de participantes, 45,7% (n=21) eram do sexo masculino e 54,3% (n=25) eram do sexo feminino, com idades variando entre 20 e 25 anos.

As demandas no campo profissional e educacional estão em constante crescimento, impulsionadas pelo avanço da tecnologia e pela necessidade de qualificação e aprimoramento para uma comunicação eficaz que produza resultados positivos. Nesse sentido, é crucial que os profissionais estejam preparados para enfrentar esses desafios.

Sobre esse tema, nesse estudo 48% (n=22) dos entrevistados mencionaram atuar na área educacional como professores ou auxiliares de turma, 13% (n=6) em áreas administrativas e afins, e 39% (n=18) relataram não exercer nenhuma profissão atualmente, sendo considerados estudantes, conforme demonstra a tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição percentual da ocupação profissional, gênero e faixa etária dos participantes.

| Variável                     | Nº de participantes | %             |
|------------------------------|---------------------|---------------|
| <b>Sexo</b>                  |                     |               |
| Feminino                     | 21                  | 45,7%         |
| Masculino                    | 25                  | 54,3%         |
| <b>Faixa etária</b>          |                     |               |
| Entre 20 e 24 anos           | 35                  | 76%           |
| Entre 25 e 29 anos           | 5                   | 10,8%         |
| Entre 30 e 39 anos           | 3                   | 6,5%          |
| Acima de 40 anos             | 3                   | 6,5%          |
| <b>Ocupação profissional</b> |                     |               |
| Área educacional             | 22                  | 47,8%         |
| Área administrativa e afins  | 6                   | 13%           |
| Estudantes                   | 18                  | 39,2%         |
| <b>Total Geral</b>           | <b>46</b>           | <b>100,0%</b> |

Fonte: as autoras (2023)

De acordo com Caires e Almeida (2000) os estágios relacionados à área educacional proporcionam experiências e oportunidades de prática, exposição e aprendizado contínuo, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades de comunicação oral dos indivíduos e preparando-os para ingressar no mercado de trabalho. Ao longo da vida acadêmica, os estudantes universitários passam por diversas práticas que envolvem a comunicação oral, com frequente exposição a situações de fala em público, como apresentações acadêmicas (BAPTISTA *et al.*, 2012).

Conforme os dados fornecidos, a maioria dos participantes, representando 43,4% (n=20), indicaram que suas principais experiências de falar em público estão relacionadas a apresentações de trabalhos acadêmicos. Essas experiências são de grande relevância para o desenvolvimento das habilidades de comunicação oral dos acadêmicos, pois permitem a oportunidade de aprendizado e aprimoramento necessários para realizar essa tarefa com sucesso (SOUZA, FERNANDES e FERREIRA, 2013).

É importante ressaltar que quanto mais uma pessoa se expõe a uma atividade ou situação, como falar em público, maior é a oportunidade de aprender e aprimorar as habilidades requeridas para desempenhá-la de maneira eficaz. Dessa forma, todas as práticas desenvolvidas e vivenciadas durante a graduação são de suma importância para os acadêmicos, pois contribuem para sua preparação em relação à futura rotina profissional. Essas experiências fornecem um ambiente propício para o desenvolvimento da confiança, aprimoramento da expressão oral e domínio das habilidades necessárias para uma comunicação efetiva no âmbito profissional.

Durante as aulas, especialmente no contexto dos estágios relacionados à área da educação, os acadêmicos são expostos a uma variedade de situações de fala em público, como ministrar aulas ou fazer apresentações para os alunos. Em relação a esse tema, 45,6% (n=21) dos participantes deste estudo mencionaram que sua maior experiência de falar em público ocorreu durante as aulas, devido à frequência diária de comunicação oral exigida pelos estágios relacionados à educação.

Para Scalabrin e Molinari (2013) essas experiências proporcionam um ambiente propício para a prática e aprimoramento das habilidades de comunicação oral, pois os estagiários têm a oportunidade de aplicar diretamente os conhecimentos teóricos adquiridos em sua formação. Essas situações permitem que eles pratiquem a expressão clara de ideias e a transmissão eficaz de conhecimento para os alunos. Portanto, a exposição diária a situações de fala em público oferece aos estagiários a oportunidade de observar e praticar técnicas de comunicação, resultando em um aprimoramento contínuo de suas habilidades. Essas experiências são valiosas para o desenvolvimento profissional dos acadêmicos, preparando-os para uma futura carreira na área da educação, onde a comunicação oral desempenha um papel central no sucesso pedagógico.

Outro dado relevante identificado neste estudo diz respeito aos momentos de ansiedade ou preocupação ao falar em público. O presente estudo revelou que 34,7% (n=16) dos participantes experimentam maior ansiedade e preocupação durante eventos de fala, e consideram mais fácil falar para um público reduzido. Esses resultados ressaltam a

importância do tema da ansiedade relacionada à fala em público e como a preferência pelo tamanho da plateia pode variar entre os indivíduos.

Algumas pessoas podem sentir maior ansiedade ao se deparar com um público maior, uma vez que isso aumenta a percepção de serem observadas e avaliadas por um número significativo de pessoas. De acordo com Angélico, Bauth e Andrade (2018), em seus estudos, demonstram que falar para um público reduzido pode ser percebido como menos ameaçador, uma vez que o número de espectadores é menor. Isso pode resultar em uma diminuição da sensação de pressão por parte do público e redução da ansiedade para o indivíduo. Essas descobertas enfatizam a importância de compreender e abordar a ansiedade relacionada à fala em público, levando em consideração as preferências individuais e as características de cada indivíduo. Essa compreensão pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias de manejo da ansiedade e apoio aos indivíduos que enfrentam desafios ao se expressar oralmente em público.

Em relação às situações de ansiedade, de acordo com os dados apresentados, 34,7% (n=16) dos participantes relataram ter experimentado ansiedade durante eventos de fala em público. É interessante observar que apenas 36,9% (n=17) dos acadêmicos participantes, representando uma porcentagem relativamente baixa, buscaram ou estão buscando tratamentos psicológicos para lidar com a ansiedade relacionada à fala em público. Essa constatação está alinhada com a literatura sobre ansiedade de desempenho, que se refere a um tipo específico de ansiedade relacionada à execução em situações sociais, como falar em público. Essa ansiedade pode ser desencadeada pela pressão de ser avaliado e julgado pelos outros, resultando em uma série de manifestações emocionais e físicas que podem interferir no desempenho e bem-estar do indivíduo (BURATO, CRIPPA e LOUREIRO, 2009).

É importante ressaltar que o tratamento psicológico, como a terapia cognitivo-comportamental, pode ser uma abordagem eficaz para auxiliar as pessoas a gerenciar sua ansiedade e aprimorar suas habilidades de falar em público. Segundo Beck (2013), essa abordagem geralmente envolve identificar e desafiar pensamentos negativos ou distorcidos relacionados à fala em público, aprender técnicas de relaxamento e controle da ansiedade, praticar exposição gradual a situações de fala em público e desenvolver habilidades de comunicação assertiva. Além disso, estratégias de regulação emocional e técnicas de respiração podem ser ensinadas para auxiliar no controle da ansiedade. No presente estudo foi possível identificar prevalência da ansiedade no contexto acadêmico (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição percentual das manifestações de ansiedade relatadas pelos participantes.

| Variáveis                                                           | Nº | %     |
|---------------------------------------------------------------------|----|-------|
| Não apresenta nenhuma manifestação de ansiedade ao falar em público | 5  | 10,9% |
| Tremor nas mãos                                                     | 13 | 28,3% |
| Sudorese                                                            | 9  | 19,6% |
| Desconforto gastrointestinal                                        | 9  | 19,6% |
| Vermelhidão na face                                                 | 8  | 17,4% |
| Confusão no conteúdo durante o discurso                             | 18 | 39,1% |
| Respiração ofegante                                                 | 8  | 17,4% |
| Sensação de boca seca                                               | 6  | 13%   |
| Tensão muscular                                                     | 11 | 23,9% |
| Evita contato visual com a plateia                                  | 21 | 45,7% |
| Utilização de muitos gestos                                         | 23 | 50%   |

Fonte: as autoras (2023)

Durante períodos de ansiedade, o organismo pode entrar em um estado de "luta ou fuga", resultando na liberação de hormônios do estresse e desencadeando uma série de reações físicas, como sudorese, tremores mãos e joelhos, tensão muscular, todas essas manifestações remetem ao hormônio da adrenalina (LUCAS, 2014). Além disso, sintomas cognitivos, como dificuldade de concentração e confusão no conteúdo do discurso, podem ocorrer devido ao impacto negativo da ansiedade no processamento cognitivo (MARGIS *et al.*, 2003). Os resultados desta pesquisa indicam que os estudantes apresentam sintomas de ansiedade comumente observados, os quais podem afetar negativamente seu desempenho acadêmico e bem-estar emocional. Essas manifestações fisiológicas e comportamentais associadas à ansiedade de desempenho destacam a importância de estratégias de gerenciamento da ansiedade e do acesso a tratamentos psicológicos adequados (BURATO, CRIPPA e LOUREIRO, 2009).

Uma pequena porcentagem dos participantes 13% (n=6) mencionou dentre as manifestações de ansiedade a sensação de boca seca ao falar em público. De acordo com Costa *et al.*, (2013), essa sensação pode estar relacionada à desidratação e ao aumento do fluxo de ar transglótico, o que resulta no ressecamento das vias respiratórias e dificuldade na vibração adequada das pregas vocais. Estudos internacionais também mostraram que a garganta seca é uma das queixas mais comuns relatadas por professores durante a fala em público (CHOI-CARDIM, BEHLAU e ZAMBON, 2010).

Tabela 3- Distribuição percentual da percepção da voz na fala em público.

| Variável          | Frequência Relativa | nº |
|-------------------|---------------------|----|
| Igual a de sempre | 28,3%               | 13 |

|                                   |       |    |
|-----------------------------------|-------|----|
| Variável de acordo com a situação | 39,1% | 18 |
| Trêmula                           | 28,3% | 13 |
| Aguda                             | 8,7%  | 4  |
| Grave                             | 8,7%  | 4  |
| Baixa                             | 13%   | 6  |
| Alta                              | 6,5%  | 3  |

Fonte: as autoras (2023)

Os participantes também foram questionados sobre as manifestações vocais durante as situações de fala em público, onde pôde-se observar que 39,1% (n=18) dos estudantes percebem variações em sua voz conforme a situação. Isso indica que eles notam alterações na qualidade ou no tom da voz durante a fala em público, que podem ser influenciadas pela ansiedade ou pelo contexto da apresentação. Segundo Kyrillos, Cotes e Feijó (2003) a fonação, a articulação e outras características da voz podem sofrer mudanças dependendo da situação, afetando, consequentemente, a qualidade vocal.

A voz trêmula é uma manifestação comum da ansiedade e pode ser percebida como uma falta de controle ou estabilidade vocal. Essa alteração pode afetar a confiança do indivíduo e a clareza da mensagem transmitida (GRILO, OLIVEIRA e PUGGINA, 2019). Neste estudo, 28,3% (n=13) dos estudantes relataram que sua voz apresenta tremor durante a fala em público. Além disso, 36,9% (n=17) dos participantes mencionaram que suas vozes variam em intensidade ao falar diante do público, podendo ser grave, aguda, baixa ou alta. Essa variação na intensidade vocal pode refletir diferentes estados emocionais, pois as emoções humanas podem ser expressas de várias maneiras durante a comunicação, refletindo níveis de confiança ou uma tentativa de adaptação à plateia (ALMEIDA, JÚNIOR e ALMEIDA, 2015).

Silva, Alves e Lima (2019) ressaltam que é comum as pessoas focarem apenas nos aspectos que não gostam em sua forma de falar, sendo extremamente críticas consigo mesmas e não percebendo seus pontos fortes. Esse comportamento reduz a autoconfiança e leva muitas pessoas a evitar situações em que precise se expor, o que pode se tornar um obstáculo tanto no âmbito profissional quanto nos relacionamentos pessoais.

No que se refere a dicção, 45,7% (n=21) dos estudantes relataram que ao falar em público, percebem que começam a falar mais rapidamente. Segundo Kyrillos, Cotes e Feijó (2003), esse aumento na velocidade da fala pode ser uma resposta à ansiedade ou nervosismo que eles experimentam. Essa tendência de falar em um ritmo excessivamente rápido é chamada de taquilalia. A taquilalia pode estar associada a distúrbios neurológicos ou pode ocorrer como um sintoma de ansiedade ou excitação (OLIVEIRA *et al.*, 2010). Para uma boa

compreensão da mensagem, é importante que o emissor organize suas ideias e as transmita com palavras claras, precisas e apropriadas, além de em um ritmo adequado, como mencionado por Lucas (2014).

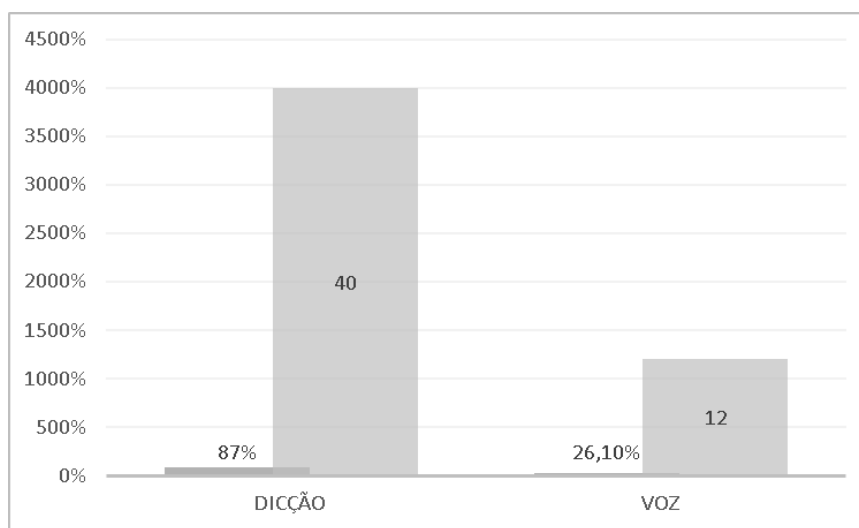
Outro dado relevante desta pesquisa está relacionado ao fato de que 30,4% (n=14) dos estudantes mencionaram apresentar manifestações de gagueira durante a fala em público. A gagueira é um distúrbio da fluência da fala que afeta a capacidade de uma pessoa se expressar de forma fluida. Caracteriza-se por repetições involuntárias de sons, sílabas, palavras ou frases, bem como bloqueios e prolongamentos de sons. Embora possa ocorrer em qualquer idade, geralmente tem início na infância, durante o desenvolvimento da linguagem (ALENCAR *et al.*, 2020). Embora as causas exatas da gagueira não sejam completamente compreendidas, acredita-se que seja uma combinação de fatores genéticos, neurológicos e ambientais. Além disso, fatores emocionais e psicológicos, como ansiedade e estresse, podem agravar a gagueira. Muitas pessoas que gaguejam relatam que a dificuldade em falar fluentemente aumenta em situações de fala pública, onde há maior pressão e expectativas de desempenho. É importante destacar que a gagueira não está relacionada à inteligência ou habilidades cognitivas de uma pessoa (SYDER, 1997). No entanto, pode ter um impacto significativo na qualidade de vida e autoestima dos indivíduos afetados. Um estudo comparativo realizado por Dias, Alves e Vandenberghe (2014) demonstrou que a gagueira pode levar a sentimentos de vergonha, frustração e isolamento social, especialmente quando não é compreendida e aceita.

A disartria é outra disfunção da fala que pode afetar a articulação das palavras. Ela é causada por problemas neuromusculares que afetam os músculos envolvidos na produção da fala (SYDER, 1997). Esses problemas podem resultar em dificuldades para controlar a respiração, articular os sons, modular a intensidade vocal e regular a velocidade da fala. A disartria pode ser causada por condições como acidente vascular cerebral, lesões cerebrais traumáticas, doenças neuromusculares ou problemas congênitos. A apraxia de fala também é considerada uma disfunção que prejudica a capacidade de uma pessoa planejar e coordenar os movimentos necessários para falar adequadamente. De acordo com Souza e Payão (2008) essa condição surge devido a problemas na conexão entre o cérebro e os músculos responsáveis pela articulação dos sons. Indivíduos com apraxia de fala enfrentam dificuldades ao iniciar e concluir os movimentos corretos para produzir os sons, resultando em uma fala inconsistente e com falta de articulação. Essa dificuldade na coordenação motora da fala pode ter um impacto significativo na fluência e na clareza da comunicação verbal.

Uma pequena parcela dos entrevistados, 13% (n=6), relataram experimentar uma sensação de "articulação travada" ao se comunicarem com o público. Essa ocorrência pode estar relacionada à tensão muscular e à ansiedade, o que resulta em dificuldades na coordenação dos movimentos articulatorios necessários para uma fala clara e fluente. Além disso, é importante mencionar que problemas pré-existentes, como o biquismo e a redução da abertura mandibular, podem contribuir para essa dificuldade durante a comunicação oral (BRITO, FERREIRA e SOUZA, 2014).

Os dados deste estudo revelam que uma porcentagem significativa 87% (n=40) dos entrevistados acredita que poderia melhorar sua dicção através da prática da comunicação oral e 26,1% (n=12) sentem a necessidade de aperfeiçoar sua habilidade vocal. Além disso, 78,3% (n=36) dos acadêmicos acreditam que o trabalho do fonoaudiólogo poderia contribuir para o desenvolvimento de suas habilidades de oratória, enquanto 56,5% (n=26) mencionam que esse profissional poderia auxiliar na projeção vocal e 50% (n=23) citam que ajudaria na articulação.

Gráfico 01: Distribuição percentual da opinião dos voluntários em relação à aspectos que poderiam/deveriam melhorar em sua comunicação.



Fonte: Autoras (2023)

Essas percepções indicam que os alunos reconhecem a importância da Fonoaudiologia na melhoria das habilidades vocais e na comunicação oral. Santos e Ferreira (2019) afirmam que o fonoaudiólogo é responsável por auxiliar seus pacientes nesse processo de comunicação. O trabalho realizado por um fonoaudiólogo pode incluir técnicas de respiração, projeção vocal, desenvolvimento da dicção e fluência, além de fornecer estratégias para

controlar a ansiedade relacionada à fala em público (SIQUEIRA *et al.*, 2021). Portanto, a Fonoaudiologia é considerada uma aliada importante para ajudar os pacientes a se tornarem comunicadores mais eficazes e confiantes durante apresentações em público.

No âmbito deste estudo, um segundo questionário foi aplicado aos estudantes acadêmicos com o objetivo de avaliar sua autopercepção ao falar em público. Para isso, utilizou-se uma adaptação da Escala de Autoavaliação ao Falar em Público (SSPS), que consiste em uma escala de classificação de zero a cinco. Os participantes foram solicitados a visualizar uma situação hipotética na qual precisariam falar em público e refletir sobre seus pensamentos habituais nessas circunstâncias. Em seguida, eles foram convidados a atribuir uma pontuação de zero a cinco (0 a 5), sendo zero indicando total discordância com a afirmação e cinco indicando concordância total (Tabela 4).

Tabela 4: Distribuição percentual das respostas relativas aos pensamentos em situações hipotéticas de fala em público

| Variável                                                             | Nota | Nº respostas | Frequência Relativa        |
|----------------------------------------------------------------------|------|--------------|----------------------------|
| <b>Esta é uma situação difícil mas consigo dar conta dela</b>        |      |              | <b>100%</b>                |
|                                                                      | 0    | 3            | 3,65%                      |
|                                                                      | 1    | 4            | 8,9%                       |
|                                                                      | 2    | 3            | 6,5%                       |
|                                                                      | 3    | 10           | 21,7%                      |
|                                                                      | 4    | 6            | 13%                        |
|                                                                      | 5    | 20           | 43,5%                      |
| <b>Posso dar conta de tudo</b>                                       |      |              | <b>Frequência Relativa</b> |
|                                                                      | 0    | 2            | 4,3%                       |
|                                                                      | 1    | 4            | 8,7%                       |
|                                                                      | 2    | 7            | 15,2%                      |
|                                                                      | 3    | 12           | 26,1%                      |
|                                                                      | 4    | 8            | 17,4%                      |
|                                                                      | 5    | 13           | 28,3%                      |
| <b>Qualquer coisa que eu disser vai parecer bobagem</b>              |      |              | <b>Frequência Relativa</b> |
|                                                                      | 0    | 15           | 32,6%                      |
|                                                                      | 1    | 10           | 21,7%                      |
|                                                                      | 2    | 4            | 8,7%                       |
|                                                                      | 3    | 5            | 10,9%                      |
|                                                                      | 4    | 5            | 10,9%                      |
|                                                                      | 5    | 7            | 15,2%                      |
| <b>Em vez de preocupar, poderia me concentrar no que quero dizer</b> |      |              | <b>Frequência Relativa</b> |
|                                                                      | 0    | 4            | 8,7%                       |
|                                                                      | 1    | 3            | 6,5%                       |
|                                                                      | 2    | 4            | 8,7%                       |
|                                                                      | 3    | 8            | 17,4%                      |
|                                                                      | 4    | 8            | 17,4%                      |
|                                                                      | 5    | 19           | 41,3                       |
| <b>Eu me sinto desajeitado e tolo, certamente eles irão notar</b>    |      |              | <b>Frequência Relativa</b> |
|                                                                      | 0    | 16           | 34,8%                      |
|                                                                      | 1    | 6            | 13%                        |
|                                                                      | 2    | 3            | 6,5%                       |
|                                                                      | 3    | 9            | 19,6%                      |
|                                                                      | 4    | 4            | 8,7%                       |
|                                                                      | 5    | 8            | 17,4%                      |
| <b>Total Geral</b>                                                   |      |              | <b>100,0%</b>              |

Fonte: as autoras (2023) - Adaptado de: Crippa JAS, Osório F, Graeff FG, Zuardi AW, Pinho M, Bussato GF, Chaves M, Loureiro SR (2004).

Os resultados deste estudo revelam uma tendência predominantemente positiva, uma vez que a maioria dos participantes indicou total concordância (nota 5) e a pontuação foi maior na escala positiva em relação à autopercepção dos acadêmicos em relação às habilidades de fala em público. No entanto, é importante destacar que uma proporção significativa ainda demonstrou insegurança e preocupação em relação ao seu desempenho nesse contexto.

Diante desses resultados é recomendável a implementação de estratégias de apoio e treinamento nas áreas que apresentam maior vulnerabilidade e necessidade de intervenção. Isso visa auxiliar os acadêmicos no desenvolvimento de habilidades de comunicação oral e clareza ao se apresentarem publicamente, contribuindo para a criação de um ambiente universitário mais saudável e acolhedor. Essas medidas podem ter um impacto positivo na melhoria da qualidade das apresentações acadêmicas e no fortalecimento da autoconfiança dos estudantes (SCALABRIN e MOLINARI, 2013). Ainda segundo o autor, a comunicação oral desempenha um papel crucial no cotidiano de profissionais de diversas áreas. No entanto, quando se trata de cursos de licenciatura, a importância da comunicação oral e sua relação com a voz é crucial nem sempre são abordadas de maneira adequada durante a graduação.

É de extrema importância aprofundar o entendimento sobre a ansiedade no contexto acadêmico, fornecendo informações relevantes para estudantes, educadores, profissionais de saúde e demais envolvidos na promoção de um ambiente universitário saudável e acolhedor. É essencial conscientizar sobre a importância da voz, sua preservação e o uso apropriado como uma ferramenta de comunicação oral eficaz.

A partir dos achados no presente estudo, pretende-se contribuir para o desenvolvimento de estratégias que promovam a saúde vocal no âmbito acadêmico, visando ao bem-estar dos estudantes e profissionais envolvidos. Ao considerar esses aspectos, pretende-se valorizar a comunicação oral e auxiliar no desenvolvimento de habilidades comunicativas dos futuros profissionais da educação, a fim de prepará-los para uma atuação eficiente e confiante em suas carreiras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Os resultados desta pesquisa revelaram que os participantes apresentaram certa dificuldade no desempenho da comunicação oral. A autopercepção dos acadêmicos indicou alterações relacionadas à voz e fala, bem como manifestações de nervosismo e ansiedade ao falar em público no contexto acadêmico.

A percepção individual de timidez também foi relacionada aos aspectos não verbais da fala em público, incluindo redução na intensidade vocal, aumento da velocidade de fala, falta de contato visual com a plateia e dificuldade em utilizar as mãos de forma natural durante as apresentações públicas.

Esses resultados ressaltam a importância da presença do fonoaudiólogo, que pode oferecer orientações e intervenções precoces nas habilidades comunicativas durante a graduação em cursos de Licenciatura. Isso permite que os estudantes aprendam a controlar suas reações comportamentais e enfrentem as situações de exposição ao falar em público de forma mais eficaz.

É necessário incluir propostas educativas relacionadas à comunicação oral desde o início da graduação, enfatizando a prática da oralidade. Sugere-se a realização de futuras pesquisas com professores atuantes e experientes na área, a fim de analisar seu desempenho na comunicação oral e investigar sua autopercepção em relação à voz e fala. Além disso, é importante compreender como o fonoaudiólogo pode contribuir ainda mais para o aprimoramento das habilidades comunicativas nesse público.

## REFERÊNCIAS

---

ALENCAR, P. B. A.; PALHARINI, T. A.; SILVA, L. M.; OLIVEIRA, C. M. C.; BERTI, L. C. Indicadores de fluência da fala na gagueira e no transtorno fonológico. **CoDAS**. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/rpZJ3Lv8ctBgYfhqpzrtbsy/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2023.

ALMEIDA, A. N. S.; JUNIOR, M. O.; ALMEIDA, R. A. S. A velocidade da fala com pista acústica da emoção básica de raiva. **Rev Diadorim**. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/viewFile/4076/3054>. Acesso em: 07 jun. 2023.

ANGÉLICO, A. P.; BAUTH, M. F.; ANDRADE, A. K. Estudo Experimental do Falar em Público Com e Sem Plateia em Universitários. **Falar em público em universitários**. 2018. São João del - Rei MG. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/MtYqHc9LB5XrCGGjfmNrYgz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2023.

BAPTISTA, C. A.; LOUREIRO, S. R.; OSÓRIO, F. L.; ZUARDI, A. W.; MAGALHÃES, P. V.; KAPCZINSKI, F.; FILHO A. S.; FERRARI, M. C. F.; CRIPPA, J. A. S. Social phobia in Brazilian university students: Prevalence, under-recognition and academic impairment in women. **Elsevier**, 2012. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032711005489#preview-section-recommended-articles>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BECK, Judith S. **Terapia Cognitivo Comportamental**. São Paulo: Teoria e Prática 2ª edição, 2013. E-book. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Xmg3AgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=Terapia+Cognitivo+Comportamental>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRITO, A. F.; FERREIRA, L. C.; SOUZA, L. A. P. Marcadores de estresse e sintomas vocais: algumas relações possíveis. **Disturb Comum**. São Paulo. 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/17349-Texto%20do%20Artigo-49977-1-10-20140616%20\(6\).pdf](file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/17349-Texto%20do%20Artigo-49977-1-10-20140616%20(6).pdf). Acesso em: 16 jun. 2023.

BURATO, K. R. S.; CRIPPA J. A. S.; LOUREIRO S. R. Transtorno de ansiedade social e comportamentos de evitação e de segurança: uma revisão sistemática. **Estudos de Psicologia**, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/epsic/a/76jYzRRsgxZysdVZnvKwrqq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2023.

CAIRES S.; ALMEIDA L. S. Os estágios na formação dos estudantes do ensino superior: tópicos para um debate em aberto. **Rev Portuguesa de Educação**. Universidade de Minho. Portugal. 2000. Disponível em: <http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/3324/1/Prof.%20Leandro%20RPE%2013%282%29%202000.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023.

CHOI-CARDIM, K.; BEHLAU, M.; ZAMBON, F. Sintomas vocais e perfil de professores em um programa de saúde vocal. **Rev CEFAC**. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462010005000075>. Acesso em: 22 de jun. 2023.

COSTA, D. B.; LOPES, L. W.; SILVA, E. G.; CUNHA, G. M. S.; ALMEIDA, L. N. A.; ALMEIDA, A. A. F. Fatores de risco e emocionais na voz de professores com e sem queixas vocais. **Rev CEFAC**. 2013, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/pF7gBxnYxcs9FN9VYcjnkgb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2023.

D'EI REY, G. J. F.; PACINI, C. A. Medo de falar em público em uma amostra da população: Prevalência, Impacto no funcionamento Pessoal e o Tratamento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Brasília. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/PR8KQhhs585nSfM4mG7T6FG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2023.

DIAS, T. C. S. C.; ALVES, C.; VANDENBERGHE, L. O tratamento do comportamento de gaguejar e o relacionamento terapeuta-cliente: Um estudo de caso. **Red de Revistas científicas da América Latina**. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2745/274531700007.pdf> Acesso em: 17 jun. 2023.

DRAGONE, M. L. S.; FERREIRA, L. P.; GIANNINI, S. P. P.; ZENARI, M. S.; VIEIRA, V. P.; BEHLAU M. Voz do professor: uma revisão de 15 anos de contribuição fonoaudiológica. **Rev Soc Bras Fonoaudiol.** 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/Yjy8dJsVzxrZXqSzwgC8V4J/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 21 abr. 2023.

GRILO, A. P. S.; PINA-OLIVEIRA, A. A.; PUGGINA, A. C. G. Falar em público: relações com competência em comunicação, ansiedade e experiências de oratória de discentes. **Rev RECOM.** 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/3534/2286>. Acesso em: 14 jun. 2023.

JÚNIOR, L. F. D. A arte de falar em público e suas contribuições para o ensino. **Rev Educ FCE** 2020. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/220107473.pdf> Acesso em: 01 mai. 2023.

KUBOTA, L. C.; BARBOSA, A. F.; SENNE, F.; HATADANI, I. M. Uso de tecnologias da informação e comunicação pelos jovens Brasileiros. **Dimensões da Experiência Juvenil Brasileira e Novos Desafios às Políticas Públicas.** 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/301542858\\_Uso\\_de\\_tecnologias\\_da\\_informacao\\_e\\_comunicacao\\_pelos\\_jovens\\_brasileiros](https://www.researchgate.net/publication/301542858_Uso_de_tecnologias_da_informacao_e_comunicacao_pelos_jovens_brasileiros) Acesso em: 26 abr. 2023.

KYRILLOS, L.; COTES, C.; FEIJÓ, D. Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação. 1ª.ed. São Paulo: **Globo** 2003.

LUCAS, S. E. A arte de falar em público. 11ª edição. Porto Alegre: **AMGH** 2014. p.9 -18.

MARGIS, R.; PICON P.; COSNER, A. F.; SILVEIRA, R. O. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. **Relação entre estressores** 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/Jfqm4RbzpJhbxskLSCzmgjb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2023.

MARINHO, A. C. F.; MEDEIROS, A. M.; PANTUZA, J. J.; TEIXEIRA, L. C. Autopercepção de timidez e sua relação com aspectos da fala em público. **CoDAS.** 2020. Disponível em: <https://codas.org.br/article/10.1590/2317-1782/20202019097/pdf/codas-32-5-e20190097-trans1.pdf> Acesso em: 26 abr. 2023.

MOREIRA, M. M. Técnicas de oratória e o trabalho cotidiano de professores: Uma reflexão sobre as formas de comunicação em sala de aula. 2022. **UFGD- Universidade Federal da Grande Dourados.** Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/10968/8269> Acesso em: 01 mai. 2023.

OLIVEIRA, C. M. C.; BERNARDES, A. P. L.; BROGLIO, G. A. F.; CAPELLINI, S. A. Perfil da fluência de indivíduos com taquifemia. **Rev Pró-Fono** 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pfono/a/4kffbDk7Dd6jQQYMFHrdvpp/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SANTOS, T. D.; FERREIRA, L. P. A expressividade na avaliação da comunicação do profissional da voz: revisão da literatura. **Rev CEFAC**. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/ZkCjzvD48cWWCskmSzzJg9x/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 04 jun. 2023.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. 2013. Disponível em: [http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7\\_n1\\_2013/3\\_a\\_importancia\\_da\\_pratica\\_e\\_stagio.pdf](http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_e_stagio.pdf) Acesso em: 17 jun. 2023

SILVA, G. F. A.; ALVES, J. M. P.; LIMA, N. M. Características da fobia social em meios acadêmicos. **Rev Multi disciplinar do sertão**. 2019. Disponível em: <https://revistamultisert1.websiteseuro.com/index.php/revista/article/view/157/56> Acesso em: 1 jun. 2023.

SIQUEIRA, Milena Carla C.; FERREIRA, Lésle Piccolotto.; BRASOLOTTO, Alcione Ghedini.; SANTOS, Rosane Sampaio. Fonoaudiólogo: o que fazer com a voz do professor?. **Universidade Tuiuti do Paraná**. Curitiba. 2021. E-book. Disponível em: [https://www.sbfa.org.br/portal2017/themes/2017/departamentos/artigos/materiais\\_37.pdf](https://www.sbfa.org.br/portal2017/themes/2017/departamentos/artigos/materiais_37.pdf). Acesso em: 5 jun. 2023.

SOUZA, R. A. S. A.; FERNANDES, A. C. N.; FERREIRA, L. P. Oficina de expressividade para universitários em situação de apresentação de seminários. **Distúrb Comun**. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/17736/13220>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SOUZA, T. N.; PAYÃO, L. M. C. Apraxia da fala adquirida e desenvolvimental: semelhanças e diferenças. **Rev Soc Bras Fonoaudiol**. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/Y4zVYLPhPVLgQT3RZgfJjCq/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SYDER, D. Introdução aos distúrbios de comunicação. Rio de Janeiro: **Revinter** 1997. p. 90-156

TADDEI, N. R. A voz como instrumento profissional. **Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio**. 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/57329/57329.PDF> Acesso em: 20 abr. 2023.

TERRA, E. Linguagem, língua e fala. 3ª.ed. São Paulo: **Saraiva uni**, 2018.

VIEIRA, A. C.; BEHLAU, M. Análise de voz e comunicação oral de professores de curso pré-vestibular. **Rev Soc Bras Fonoaudiol**. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/HfGKmZpwTDyqCNmh9Sdztyv/?lang=pt> Acesso em: 20 abr. 2023.

SOUZA, R. A. S. A.; FERNANDES, A. C. N.; FERREIRA, L. P. Oficina de expressividade para universitários em situação de apresentação de seminários. **Distúrb Comun.** 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/17736/13220>. Acesso em: 22 jun. 2023.